

Foto: Douglas Jones



1º Fórum & Coffee Dinner traça cenários para o café

Alexandre Inácio

São Paulo sediou, no início de junho, o 1º Fórum & Coffee Dinner, promovido pelo Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafê)

Mais do que celebrar o início da safra 2005/06, o evento teve como objetivo traçar os cenários e tendências do setor cafeeiro para a próxima safra e promover um momento em que negócios e parcerias pudessem ser firmados. “Essa foi a primeira edição do evento, que irá acontecer a cada dois anos, intercalado com o Seminário Internacional de Santos. Pretendemos sempre reunir todos os elos da cadeia do café em torno de um único ideal, que é o de promover benefícios econômicos e sociais para todos os envolvidos”. Afirma João Antônio Lian, presidente do Conselho Deliberativo do Cecafê, lembrando que a idéia é que cada xícara de café consumida no Brasil possa resultar em melhorias para todos.

Ampla Participação

O evento contou com a participação de nomes ilustres da cafeicultura nacional e também indústrias de grande porte, além de convidados internacionais,

que trouxeram aos participantes a visão estrangeira que existe a respeito do Brasil e as conjunturas e tendências internacionais. Para abrir o evento, o secretário de Agricultura e Abastecimento do estado de São Paulo, Duarte Nogueira, lembrou a chegada do café no Brasil e como foi seu desenvolvimento nas regiões Sul e Sudeste, especialmente em São Paulo, onde o produto ganhou notoriedade. “Desde que o café chegou no Brasil estamos investindo em pesquisa, tecnologia e gerindo a atividade com profissionalismo. Nossa principal tarefa neste mundo globalizado é fazer, da melhor forma possível, já que somos o maior produtor e exportador de café do mundo”, disse o secretário. Outro ponto fundamental apontado por Nogueira foi o bom momento que a cafeicultura brasileira está vivendo, depois de quatro anos consecutivos de preços baixos e crise do setor. “É indiscutível que o momento é positivo para todos. Nosso papel agora é fazer com que esse momento perdure pelo maior tempo possível, com planejamento e informação”, disse o secretário paulista. Segundo ele, o

estado de São Paulo já está fazendo a sua parte, valorizando a produção. Foi lançada no mês de maio uma linha de financiamento exclusiva para aquisição de secadores rotativos. A linha foi lançada pelo governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, durante a edição deste ano do Agrishow de Ribeirão Preto. A linha faz parte do Programa Café de Qualidade e terá uma taxa de juros de 4% ao ano e prazo de até cinco anos para pagamento da dívida.

Economia Brasileira

Para traçar as perspectivas para a economia brasileira, o economista-chefe do Banco Bradesco, Octávio de Barros, deu uma aula sobre a atual política econômica adotada pelo Brasil e de como os investidores internacionais estão percebendo o País. “Hoje, o mundo tem uma visão mais construtiva do Brasil. Aquele ceticismo que existia em relação a nós no passado deu lugar a uma posição otimista, pois estamos conseguindo construir uma agenda de médio e longo prazos”, disse o economista,

lembrando que a agenda desenhada pelos dois últimos presidentes praticamente não tinha distinções e que será assim a partir de agora. Na avaliação de Barros, o mundo reconhece que o Brasil não está mais caminhando para trás e que o País está mais amadurecido, tanto do ponto de vista político quanto econômico. "Os papéis vendidos pelo Brasil e pelas empresas brasileiras no mercado internacional se tornaram alternativas de investimento às incertezas globais. O mercado está garimpando oportunidades de investimento no Brasil porque, hoje, diferente do passado, temos uma boa história para contar e apresentar para o mundo", afirma.

No que se refere ao cenário internacional e à demanda do mundo, entre elas a de café, Barros disse que as perspectivas são favoráveis para a exportação. "A demanda global ainda está muito forte e com a aposta de que o Brasil não irá mudar de rumo pode-se dizer o País está em uma situação relativamente confortável", disse o economista.

Sobre a tão falada taxa de juros, uma das mais elevadas do mundo, Barros disse que, infelizmente, este é um remédio ruim que teremos que engolir. Por outro lado, o Banco Central, em sua avaliação, não vê a hora de surgir condições para que os juros sejam cortados e o processo de elevação e aperto das taxas seja encerrado. "O Brasil tem um problema sério chamado inflação, mas o Banco Central está conseguindo tirar esse problema de uma zona considerada de perigo, que é uma taxa de inflação de dois dígitos. Ainda existe muita emoção nesse debate, com os empresários de um lado falando que o Banco Central despreza o crescimento do País e o governo de outro dizendo que o setor produtivo despreza o crescimento da

inflação", afirma Barros.

No que se refere ao câmbio, tema que tem sido motivo de preocupação para os exportadores, o economista disse que a desvalorização do dólar é resultado dos juros elevados, que atraem mais investidores. O atual nível, no entanto, deverá ter uma acomodação, conforme o governo reduza a taxa de juros. "Acreditamos que o dólar atinja o patamar de R\$ 2,60 até o final do ano", afirma Barros.

Previsão de Safra da CONAB

Deixando um pouco de lado os aspectos econômicos e focando suas atenções para a metodologia de levantamento da safra, diretor de logística da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Silvio Porto, mostrou as novas tecnologias e metodologias que o Brasil passará a adotar no que se refere à produção. "Fazemos levantamento de safra há 77 anos e apenas há três levantamos os números do café. Sabemos a importância do levantamento da safra e, mais do que isso, a precisão dos números, já que permite um melhor planejamento para as safras", disse Porto.

O executivo da Conab lembrou que, atualmente, o levantamento da safra de café é realizado a partir de questionários enviados para as empresas de extensão rural, que se encarregam de distribuir para os produtores de cada região. Essa metodologia, no entanto, não é objetiva. "O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), por exemplo, não utiliza nossas informações por considerar nossa metodologia subjetiva", explica Porto. Para corrigir esse ponto e

evoluir no ponto de vista de previsão de safra, a Conab passará a adotar um método objetivo, que inclui não só o levantamento de informações no campo, mas também, fotos de satélites. "Nos próximos três anos, nossa margem de erro cairá de 7% para 3%. Esse sistema é mais trabalhoso do que o atual, mas precisa ser feito", afirma.

Com a nova tecnologia, o trabalho dos técnicos de campo ficará mais direcionado. Segundo Porto, o satélite irá identificar onde estão os cafezais e se estão ou não em produção, os técnicos irão aos pontos identificados para confirmar a informação e os dois dados juntos serão analisados pelos especialistas nos escritórios de extensão rural. "Mas as informações sobre as áreas não são suficientes. Definir qual a produtividade esperada também é fundamental para saber qual será a produção de uma safra, cruzando as informações sobre a área", afirma Porto.

Parque Produtor Brasileiro de Café

Mas a primeira edição do Coffee Dinner não tratou apenas de economia e metodologia de levantamento de safra. O evento contou com a participação dos engenheiros agrônomos Edson Guerrero e Eder Ribeiro, da Cooperativa de Guaxupé (Cooxupé). Eles falaram a respeito do parque nacional de café arábica, de sua localização, estrutura por estado, da necessidade hídrica das regiões e do uso de irrigação para áreas que possuam déficit acima de 200mm e, principalmente, das variedades de café existentes. "O Brasil possui 300 mil propriedades cafezeiras.



Mesa do Painel Brasil

Isso significa que temos diferentes tipos de cafeicultura no País”, afirma Guerrero, ao lembrar que 70% são de pequeno porte, 20% são de médio porte e apenas 10% possuem mais de 200 hectares e são consideradas de grande porte. Apesar de representar a menor fatia, as grandes propriedades são responsáveis por 40% da produção nacional de café, segundo Guerrero.

O agrônomo também falou da queda da safra brasileira de café. Segundo Guerrero, o Brasil está perdendo quatorze sacas por hectare na safra 2005/06, por conta da bianualidade do café e também da diminuição dos investimentos em tecnologia, principalmente fertilizantes. “Em 2003, os produtores utilizaram 48 quilos de fertilizantes e gastaram US\$ 2,71 em defensivos para produzir uma saca de café. O resultado foi uma colheita de 38 milhões de sacas no ano passado. Em 2004, os investimentos em defensivos foram os mesmos, mas o uso de fertilizantes caiu para 34 quilos por hectare. O efeito disso está sendo uma colheita de 32,5 milhões de sacas este ano”, explica o especialista.

Também identificando o perfil da produção, porém no que se refere ao café robusta, o superintendente do Centro de Desenvolvimento Tecnológico do Café (Cetcaf), Frederico Daher, disse que os produtores da variedade estão conseguindo desmistificar a idéia de que o robusta é um café marginal. “Percebemos que o conillon está cada vez mais valorizado e isso não é por acaso”, disse Daher.

Para comprovar sua tese, o superintendente do Cetcaf mostrou os resultados que a produção de café robusta vem apresentando nos estados produtores, que já somam uma área nacional de 581 mil hectares. A Bahia, por exemplo, já está cultivando uma área de 18,8 mil hectares e é considerado o estado com maior produtividade do Brasil, colhendo

21,7 sacas por hectare, quando a média nacional é de apenas 16,5 sacas. “Rondônia está se consolidando como o segundo maior produtor, com uma área de 174 mil hectares cultivados. Além disso, cerca de 70% dos produtores de Rondônia vieram do Espírito Santo, depois da crise que a cafeicultura sofreu”, explica Daher.

Mesmo com a crise do passado, o Espírito Santo permanece no topo dos produtores de robusta no Brasil. O estado representa 75% da safra nacional da variedade, com uma área cultivada de 310,6 mil hectares e produtividade média de 20,5 sacas por hectare. “O estado é o maior produtor de robusta, mas também possui muito café arábica. No caso de o mercado se manter aquecido como está, acredito que o Espírito Santo consiga atingir a marca de 12 milhões de sacas na próxima década”, prevê Daher.

O café no mundo

No painel que tratou sobre as perspectivas e tendências do café pelo mundo, que teve como moderador o secretário de Produção e Agroenergia do Ministério da Agricultura, Linneu da Costa Lima, Jens Nielsen, da Noble Coffee, do Vietnã, mostrou como está a situação do parque cafeeiro vietnamita depois da seca que atingiu as regiões produtoras daquele país. “O Vietnã estava avançando na atividade cafeeira nos últimos três anos, mas sofremos muito com a seca. Muitos produtores tentaram encontrar água em suas propriedades, cavando poços cada vez mais profundos. A situação foi desesperadora”, disse Nielsen. Com o foco direcionado para o mercado futuro de café, o americano Jon Stefenson, da Atlantic, falou sobre a comercialização de café na bolsa de Nova York e sobre a evolução

dos estoques certificados. Em sua avaliação, o Brasil exerce grande influência no mercado americano, mesmo não entregando seu café nos Estados Unidos.

No que se refere à produção global, as expectativas são promissoras para o Brasil. Com um custo de produção relativamente baixo, quando comparados a outros países produtores, com exceção do Vietnã, os produtores brasileiros são apontados como a principal vitrine do ponto de vista produtivo. “Esperamos uma queda na produção de café daqueles países que tinham um café de alta qualidade mas necessitavam de altos investimentos. Isso porque, com a crise, muitos reduziram drasticamente os investimentos em tecnologia e nem mesmo com os recentes aumentos de preços serão capazes de reverter esse quadro no curto prazo, afirma Reto Ghilardi, da suíça Volcafé. O especialista estima que a produção de café no Vietnã continuará crescendo, pois o país tem um custo de produção muito baixo e a demanda por café robusta ainda permanece aquecida. “Na Europa, o consumo de café está estável e a briga por preço será cada vez maior, o que estimula a procura pelo robusta”, afirma Ghilardi.

Mas não foi apenas o setor produtivo o centro das atenções do evento. A primeira edição do Coffee Dinner também indicou as tendências de consumo do café torrado e moído no mundo. “Existem boas perspectivas pelos mercados emergentes, como a China, por exemplo. Nesses países, o consumo de café é recente e a instalação de marcas para buscar a liderança de mercado é mais fácil”, afirma Mario Cerutti, da italiana Lavazza. Segundo o representante da empresa, esses novos mercados são ávidos por produtos inovadores e na forma de preparar e servir o café, como cafeterias, que têm um grande potencial de crescimento e expansão.



Exposição Fotográfica do Programa de Inclusão Digital do CECAFÉ



*João Antônio Lian,
Presidente do Conselho Deliberativo do CeCafê*



*Antônio Duarte Nogueira,
Secretário de Agricultura de São Paulo*



*Cristiano Belfort,
Diretor Executivo do Bradesco*



*Linneu Costa Lima,
Secretário de Produção e Agroenergia*

Painéis Brasil e Mundo



*Sílvio Porto,
Diretor de Logística da CONAB*



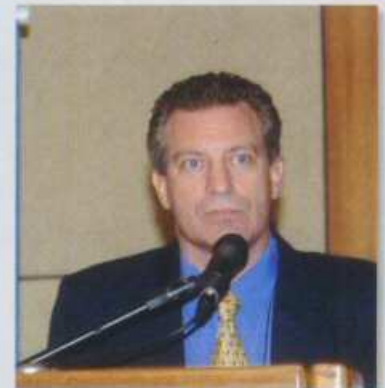
*Edson Guerreiro,
Engenheiro agrônomo da COOXUPÊ*



*Octavio de Barros,
Economista chefe do Bradesco*



*Frederico Daher,
Coordenador do CETCAF/ES*



*Jens Nielsen,
Diretor da Noble-Coffee-Vietnã*



*Eder Ribeiro,
Engenheiro Agrônomo da COOXUPÊ*



*Mário Cerutti,
Diretor de
Lavazza-Itália*



*Reto Ghillardi,
VOLCAFFÉ-
Suíça*



*Jon Stefenson,
Diretor da Atlantic-USA*